

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.528

Sábado, 17 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Para A BATALHA poder desempenhar-se cabalmente da sua missão, como órgão da opinião pública, precisa que o povo, comprando-a, a habilite a dotar-se de material e a melhorar as suas secções

ZANGAM-SE AS COMADRES...

## Descobrem-se os erros do sr. Joaquim Ribeiro

### “O REBATE” E OS INTERESSES DOS CONSUMIDORES

O espírito de jornais como *O Rebate*, espírito partidário, é claro, já tem inúmeras vezes dado as suas provas como nefasto e contrário aos interesses dos consumidores. Esses jornais, nunca intermitem erguer a voz contra uma manigância, se o seu autor pertence ao partido em que o jornal está integrado. Os interesses do partido, acima dos interesses dos trabalhadores, eis o lema desses jornais. Chama-se a isso, a essas imorais complicitades, o espírito político, tática política. De modo que prejudicial a política, prejudicial aos políticos, prejudicial aos jornais que em seus órgãos se arvoram. E' este, irrefutavelmente isto, o caso de *O Rebate*, que tendo apoiado o sr. Joaquim Ribeiro, defendendo-o de ataques que lhe foram formulados por aqueles que como nós, tiveram em vista, não os interesses do partido democrático ou de outro qualquer partido, mas o interesse das classes consumidoras, exceptuando é claro, a minoria que lhes é oposta. A questão do pão, e a solução que o sr. Joaquim Ribeiro lhe deu, foi solução criminosa porque acuatelava e aumentava os interesses da moagem em detrimento dos consumidores esbargados, com as suas possibilidades de alimentação reduzidas, devido à generosidade moageira do ex-ministro da Agricultura.

Foi ainda o sr. Joaquim Ribeiro quem aumentou preço do pão e deu à moagem a liberdade de roubar—o sr. Ribeiro, chamava-lhe liberdade de comércio—e recusou atender, em nome dos interesses da Moagem, as reclamações do povo consumidor.

E *O Rebate* calou-se, não protestou contra o sr. Joaquim Ribeiro, não o atacou quando cometeu esse atentado do gravíssimas consequências para os interesses das classes trabalhadoras. Deu-se a greve geral de protesto, greve realizada por aquela classes proletárias que, mercê da sua abnegação e energia tem sido as sentinelas avançadas dos interesses dos consumidores.

*O Rebate*, ainda em nome do interesse partidário—era o seu dilecto António Maria da Silva, chefe do governo—defendeu o dr. Joaquim Ribeiro e atacou os que se lançaram numa greve de protesto contra um ministro que roubava ao povo, para favorecer a Moagem.

Madou, o interesse partidário o agora o *Rebate* já toca a rebate contra o sr. Joaquim Ribeiro, já faz sentir aos seus leitores que a acção dele, na pasta da agricultura foi perniciososa. E, não o faz veladamente. Fã-lo com toda a clareza para o que pode servir de amostra o seguinte trecho:

“O ex-ministro da Agricultura, que com a supressão do pão político chegou a conquistar uma certa aura de popularidade, caiu no entanto, dentro em breve, na inteira animadversão das classes consumidoras, por quanto, acabando com esse cancro dos cofres públicos, não soube defender, como devia aquelas mesmas classes do espírito ganancioso da moagem e da panificação.”

Se o *Rebate* agora reconhece que o sr. Joaquim Ribeiro tinha calado na animadversão dos consumidores por ter atentado contra os seus interesses porque não tomou a atitude que lhe competia? Protestar contra o ministro, reclamar a sua demissão, exigir a revogação pura e simples das suas medidas. Não o fez porque isso não convinha aos interesses partidários. E para jornais, como o *Rebate* os interesses partidários estão acima dos interesses de todas as vítimas da Moagem e do sr. Joaquim Ribeiro.

\*\*\*  
“O pão está sendo vendido a preços exageradamente elevados em relação ao custo da matéria prima”. E' ainda o *Rebate* quem o diz.

Mas, não foi o sr. António Maria da Silva, quando chefe do governo que permitiu o actual custo do pão? Não se solidarizou com o sr. Joaquim Ribeiro. Nessas horas não apanha o sr. António Maria da Silva uma repreensão idêntica ou mais enérgica do que aquela com que foi mimosoado o sr. Joaquim Ribeiro? Não apanha porque o *Rebate* devido ao espírito partidário está amarrado de pés e mãos ao António Maria da Silva. Se o *Rebate* se abstrairse desse endemonhado princípio não se teriam cometido com o seu silêncio e com o seu aplauso, verdadeiros crimes, estapendos esbanjamentos.

Não se supunha que o *Rebate* atacava o sr. Joaquim Ribeiro em nome dos interesses dos consumidores. O ataque é ainda em nome do interesse dos partidários, negregado interesse que sobrepondo-se à maioria que é explorada favorece a minoria exploradora.

## O momento politico

### O QUE DESEJARA O DR. MAGALHÃES LIMA?

A *Pátria* de anteontem publicou o e o *Diário de Lisboa* transcreveu o documento que a seguir publicamos:

“Condições: Venho falar-vos, numa hora de perigo. Com que direito? — Com o direito de um português que ama apaixonadamente a sua Pátria. Com que autoridade? — Com a autoridade dos meus anos e da minha isenção provada. Aí concidência nacional me dirijo. Somos portugueses. O momento é decisivo. Ou nos mostramos dignos de nós mesmos, dignos da nossa história, ou sucumbimos miseravelmente, ignominiosamente, nas impotências dos covardes. Tal não sucederá, porém, porque o povo o não consentirá. As paixões são mais conselheiras. Acima dos conflitos dos partidos, das ambições dos homens, das rivalidades mesquinhas, dos ódios ruins, está a Pátria, ideal comum, está um admirável futuro a realizar.

Portugueses! inclinemo-nos perante a nossa bandeira, e de pé, unidos e solidários, abraçemo-nos identificados num mesmo pensamento, num mesmo sentimento, numa vontade — um Portugal melhor, um Portugal maior. — Magalhães Lima.”

É possível que o dr. sr. Magalhães Lima esteja convencido de que é claro e explícito o documento que fez vir a público. Entretanto, nós não o compreendemos. Estaremos nós, de todo, tapados ou não teria o sr. Magalhães Lima conseguido explicar-se?

\*\*\*  
Tomaram ontem posse o dr. Júlio Dantas ministro dos negócios estrangeiros e o sr. Melo Simas, ministro da Instrução.

\*\*\*  
Tomou ontem posse o novo governador civil de Lisboa, dr. sr. António Gonçalves Videira, que escolheu para seu secretário o sr. Raúl Esteves dos Santos.

\*\*\*  
O major Viriato Lobo, governador civil cessante acompanhado do sr. Tavares Figueira, seu secretário, andou percorrendo as redacções dos jornais apresentando as suas despedidas.

E não vieram à *A Batalha* — os amigos — onde não encontrariam senão amigos...

\*\*\*  
O novo comandante da polícia é o major sr. Ferreira do Amaral.

## A Alemanha revolucionária

### A Associação Internacional dos Trabalhadores dirige-se ao proletariado alemão a que a próxima revolução seja profundamente operária

A A. I. T., na última “nota” que aqui publicamos fazia referência ao manifesto que a seguir publicamos. Como é um documento que marca uma atitude no actual momento histórico, aqui fica arquivado para conhecimento da organização e de todos os leitores de *A Batalha*:

Trabalhadores da Alemanha!

Os acontecimentos trágicos sucedem-se com uma rapidez vertiginosa. Os tubarões da banca e da grande indústria levaram a classe operária da Alemanha à margem do abismo. A fome aproxima-se a grandes passos. As greves surgem em todas as partes, esponsadamente, estendem-se a todo o território, como resultado inevitável da incapacidade flagrante do capitalismo e do Estado para organizar a vida normal do povo trabalhador.

O operário cruza os braços e espera.

A revolução vem. E com o advento da revolução, vem a liberdade e o bem estar para todos.

Mas cuidado que esta revolução—surgida das entranhas mais profundas da classe operária, produtora de todas as riquezas sociais—não se converta repentinamente e sem vos prevenidos, em um simples golpe de Estado político.

Todos os partidos políticos da Alemanha destroçam-se na hora actual e cobiam o poder. E' tudo o que eles veem para aproveitarem-se da perturbação que se aproxima.

Vós sabeis já, graças à vossa dolorosa experiência destes quatro anos, que os social-democratas, com os sindicatos reformistas a seu reboque, tem sido incapazes de dar à classe operária o bem estar e liberdade. Desde o primeiro dia da proclamação da república alemã, eles demonstraram a sua impotência para toda a acção construtiva. Mais ainda: eles foram os primeiros a atirar para a classe operária oferecendo todo o seu apoio à burguesia reaccionária alemã, apoiando ontem os Cuno e hoje os Stresemann para os auxiliar a escapar-se do atoleiro.

Hoje são os comunistas que pretendem representar o mesmo papel, substituindo os social-democratas e apoderando-se da direcção política dos negócios.

Os comunistas enchem a boca com os direitos da classe operária; em todas as paredes há cartazes que anunciam o advento do poder pela classe operária—dona de todas as riquezas.

Operários da Alemanha! E' o que sempre nós disseram e é o que sempre vos dirão os políticos de toda a natureza e de todos as cores para vos enganar e encurralar na primeira ocasião.

Alargai. Que a revolução russa nos sirva de lição no dia da revolução alemã, que se aproxima a grandes passos. Também na Rússia a classe operária e camponesa havia sido declarada dona dos seus destinos; mas um punhado de políticos hábeis e astutos, que alardeam cotidianamente os direitos da classe operária, destruíram sistematicamente as suas liberdades, não lhe dando senão pólvora para doer quando ela protestava utilizando-se do seu direito de protestar.

No dia da revolução não vos deveis ocupar somente da destruição do poder político existente, mas também, como tarefa primordial, impedir a maquinação por parte dos políticos—mesmo dos arqu-vermelhos—tendente a tomar

o poder para os seus objectivos. Quanto mais activos fôreis para o impedir, mais vitoriosa será a revolução, porque mais liberdade e bem estar alcançareis.

Não vos esqueçais, operários da Alemanha, que desde agora, na véspera da vossa revolução, os comunistas estão das mãos ao fascismo nacional alemão, propondo-lhe uma aliança que fatalmente se voltará contra vós.

Hoje falamos dos vossos direitos, elevamos-vos aos seus; amanhã não teréis mais do que deveres a cumprir. Povo trabalhador da Alemanha! Repole para longe de ti os teus exploradores seculares: chamem-se Cuno, Stresemann, Simmes ou Krupp. Mas mantém igualmente a distância respeitável os que querem ser teus amos amanhã. O comunismo de Estado—não é a requisição de viveres pelos trabalhadores—; é a apropriação de viveres por um partido político, é a distribuição por um governo; ou seja pelo opressor político.

O comunismo de Estado, não é a fábrica para a classe operária, mas a fábrica para o governo e o controle da indústria pelo governo.

Todos os governos se servem dos mesmos processos, pois qualquer que seja a sua etiqueta, concordam sempre num ponto: os trabalhadores existem para servir os fins governamentais.

Incumbem-vos a vós, trabalhadores das cidades, que tendes sofrido uma dura lição de miséria, emprender por vós próprios, sem nenhum intermediário, a grande obra de reconstrução da vossa vida, sob as bases do bem estar para todos. Vós mesmos deveis expropriar os viveres e distribuí-los por meio dos vossos sindicatos revolucionários, das vossas organizações económicas. Vós mesmos fazeis funcionar as fábricas, as oficinas, as padarias para o bem de toda a comunidade. Não permitais que os políticos assaborem os meios de produção e de distribuição. Que eles representem, se lhes dá prazer, o seu papel político de governo e parlamento; mas vós vereis que o seu jôgo não poderá continuar, salvo se apoderarem da vida económica do país, dos sindicatos, das cooperativas... Bom, mas sede bastante fortes para o impedir, e eles morrerão de inanição.

A revolução alemã para o bem estar e a liberdade da classe operária e camponesa da Alemanha e contra todos os fascismos declarados ou mascarados, sejam as “Voluntaristas”, os social-democratas ou os comunistas—será a salvação da revolução russa, afogada pelo comunismo asiático—é a solução do problema social, internacional, é a era da verdadeira revolução social que abrirá caminho terminando pela vitória completa do proletariado mundial, sobre as forças unidas da reacção internacional de todos os capitalismos e de todos os políticos.

Trabalhadores alemães! Vós sois os criadores das riquezas sociais do vosso país. Convertet-vos por isso nos seus únicos donos; e que no penho que flamejare proximamente sobre a Alemanha libertada, seja gravado em letras de ouro a única palavra de ordem que não pertence:

A emancipação dos trabalhadores, é a obra dos mesmos trabalhadores.

O Bureau Administrativo da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Berlim, 17 de Agosto de 1923.

## UM ATENTADO contra a orquestra “Filarmonia”

Uma bela iniciativa destruída e um maestro condenado ao ostracismo

### O dinheiro inimigo da arte

Os que não vivem restritamente para meras funções digestivas, conhecem o maestro Francisco de Lacerda e com admiração se recordam da orquestra *Filarmonia* que ele fundou e orientou. Os concertos de São Carlos, as exhibições populares do Coliseu dos Recreios, constituíram neste meio tam primitivo, ignorante e desdenhoso em matéria de arte, um triunfo. Para a *Filarmonia*, para Francisco de Lacerda? Sim, mas também para a arte musical e para o público.

Os intuitos da fundação da *Filarmonia* e a orientação que tiveram os seus concertos provam que ela vinha auxiliar a cultura estética do povo e dar alento, aos que anseiam para a vida portuguesa horas civilizadas, horas de arte que nos compensem da amargura da visão de tantos erros, de tantos crimes executados em nome do mais odioso mercantilismo.

A *Filarmonia* era além duma reacção artística, uma tentativa de reacção moral. Francisco de Lacerda não era um intruso, um aventureiro ou um nulo que procurava obter na sociedade portuguesa, onde predominam os homens de dinheiro, ou melhor, os homens que roubam dinheiro e os imbecis. Não vinha usurpar nenhuma reputação. Era um nome feito, sem favoritismo, conquistado arduamente no estrangeiro, mesmo nessa França tam chauvinista, e tam erigida de dificuldades para os artistas estrangeiros, embora talentosos.

Foi em Paris, no coração político e artístico da França, onde se concentram e notam artistas de todo o mundo, professor da “Schola Cantorum” e da Escola de Altos Estudos Sociais. Não obteve estes lugares a golpes de audácia, mas a golpes de talento, o que é mais difícil e mais nobre.

Em 1908 é director artístico dos concertos de Montreux. Algum tempo depois, apesar do apego nacionalismo dos meios artísticos franceses é nomeado 1.º regente dos Grandes Concertos Clássicos de Marselha. Estes lugares não foram obtidos por favor, foram conquistados por concurso. Vicente de Indes classificou-o um dia “chefe de orquestra nato.”

A *Filarmonia* era digna do sr. Francisco de Lacerda pelos seus objectivos de arte e o sr. Francisco de Lacerda

era digno de a reger, sobejando-lhe para isso o prestígio que lhe advinha do seu talento e da sua reputação. Não triunfou pelo tálamo, venceu conquistando o público, dando-lhe o que ele necessitava. A sua existência não era momentânea nem artificial, estava consolidada num forte alicerce artístico.

Vivia do público como artisticamente o público também vivia dela. Por isso, era difícil, em pleno sof, esbora-la. Pois está dispersa, aniquilada, morta — a *Filarmonia*! O maestro Francisco de Lacerda que a fundou e dirigiu, foi brutalmente arremessado para um canto, quebrada a sua batuta, considerada inútil a sua actividade e o seu talento. Cometeu-se um atentado contra o público e contra o notável maestro.

Fôram seus autores, o culto do dinheiro pelo dinheiro, esse culto odioso que conquistou o país palmo a palmo, lançando-o na miséria, na ignorância e na violência. Como se praticou o atentado? Vale a pena referir-lo.

## UMA CAUSA SENSACIONAL

## O processo Vorowsky

### Os emigrados russos fazem os seus depoimentos criando hostilidade na população

LAUSANA, 9.—Hoje foi o dia dos emigrados russos, dos contra-revolucionários e dos suíços que habitaram a Rússia.

Temos principalmente a registar o depoimento duma professora francesa que passou vinte anos na Rússia. Esta mulher que tem a Legião de honra e a Medalha militar, conta sobre a Rússia vermelha o que toda a imprensa contra-revolucionária publica. Ela torna os bolchevistas responsáveis por todas as mistérias que ela sofreu. Não disse senão coisas já mais do que conhecidas. Entretanto, percebe-se bem que não é cómodo ser contra-revolucionário num país em revolução.

A testemunha condenou o trabalho obrigatório. Ela disse que os bolchevistas pregam não o amor ao próximo, mas o ódio.

A seguir à professora francesa, veio a emigrada russa, Kalach, atacou violentamente o regime dos Soviéticos e denunciou pretensas perseguições religiosas. Segundo Kalach, os Soviéticos declararam guerra a Deus e ao cristianismo e obrigam as crianças a cantar cânticos anti-religiosos.

O advogado dos participantes, dr. Tchelenov, desmentiu formalmente esta afirmação e declarou que “os sinos soam em Moscova e as igrejas ainda abertas.”

Vieram depois os longos depoimentos de suíços que viveram muito tempo na Rússia. Censuram os Soviéticos de não darem liberdade aos habitantes, mas quando um advogado dos participantes lhes perguntou se eles haviam protes-

tado contra a falta de democracia durante o regime zarista, um professor suíço, que habitou longo tempo na Rússia, respondeu: “Eu, na Rússia, vendia gramática, mas não vendia democracia.”

Um advogado dos participantes protestou contra a tática dos advogados de defesa que, por um sistema de ataques pessoais contra os seus colegas, procuravam criar uma corrente de hostilidade na população de Lausana. A prova está em que o chefe da polícia de Lausana veio espontaneamente junto dos advogados dos participantes para lhes oferecer, bem como às testemunhas a seu cargo, a protecção da polícia.

Antigos generais do exército branco de Wrangel e de Denikine fizeram o elogio de Polounine, confessando que o enviaram à Cruz Vermelha de Ginebra para servir a causa contra-revolucionária. Os antigos generais do exército branco não negam os crimes do terror branco, mas simples excessos, abuso de poder, enquanto que, pretendem eles, os bolchevistas fizeram do terror um sistema.

Os advogados dos participantes pouco intrincaram nos depoimentos dos generais brancos e dos suíços. No campo contra-revolucionário a impressão foi boa. Mas esperem-lhe pela pancada. Amanhã serão acariados os generais Dobrolovsky e Dostovalov que depuseram contra o exército branco, e os generais brancos que depuseram hoje.

F. A.

OS PRESOS

de São Julião

vão ser postos em liberdade?

Um jornal da noite, que se tem distinguido pela animadversão que nutre pela organização operária dava ontem a notícia de que o governo ultimamente formado, estava na disposição de pôr em liberdade os presos de São Julião da Barra devido a não ter sido ainda organizado o projecto que lhe diz respeito. O referido noticia o que reproduzimos, registando-o como um boato. Se porventura tal boato se confirmar o governo nacionalista vem pôr termo à situação iníqua em que os presos se encontra-

## Declarações do ex-kronprinz

BERLIM, 16.—O ex-kronprinz recebeu grande número de jornalistas estrangeiros que vieram a Oels para colher notícias sensacionais, declarando-lhes que se sentia feliz por ter voltado à sua Pátria e desejoso de trabalhar para o seu ressurgimento. Solicitou aos jornalistas que o não molestassem pedindo-lhe entrevistas porque estava resolvido a viver com um simples particular sem se preocupar com questões políticas.

## Encarceramento e confiscação de estabelecimentos

BERLIM, 16.—Houve uma grande reunião do conselho de ministros que durou seis horas. O general von Seeckt será mantido nas suas funções sem-

lhantes às de um ditador comandante em chefe a Reichswehr que se mantém absolutamente leal ao seu supremo comandante e ao governo. Foram promulgados decretos contra a carestia da vida e para facilitar a venda de produtos directamente ao povo. Foi ordenada a confiscação dos estabelecimentos luxuosos onde se reúniam para almoçar, jantar ou lancher os grandes argenários e especuladores. Foi também ordenado que se fechassem todas as tabernas e estabelecimentos onde inicialmente se vendessem vinhos e licores.

## O socorro aos desempregados

BERLIM, 16.—O governo resolveu conceder 100.000.000 de marcos do novo tipo de moeda para continuar os pagamentos de socorro aos desempregados no Ruhr. Desmentem-se os boatos de que o governo estivesse disposto a abandonar a sua própria sorte a operários do Reno e do Ruhr.

## A nova moeda alemã

BERLIM, 16.—Os funcionários públicos foram pagos já em 30% do seus vencimentos na nova moeda cujo câmbio vai ser fixado em breve. Provavelmente cada marco da nova emissão equivalerá a 600.000.000.000 de marcos-papel.

## Desmentem-se o regresso do ex-kaiser

PARIS, 16.—O encarregado dos negócios da Alemanha deu explicações ao governo sobre o regresso do ex-kronprinz, desmentindo o boato do regresso eventual do ex-kaiser.

## Dos livros e dos autores

VILEZAS, cartas por Manuel Rodrigues dos Santos.—O GUIA DE EVORA, edição da Biblioteca Nacional.—TROVAS DA NOITE, versos por Pereira do Rio.—NELOCHKA, romance de Dostoievski, edição de “O Século”

“Vilezas” é o título duma série de cartas redigidas em volume e que o sr. Manuel Rodrigues dos Santos acaba de lançar no mercado literário.

Cartas onde referem aces comentários sobre a vida social presente, onde se dizem verdades tremendas acerca das injustiças sociais, constituem um violento libelo contra os políticos, contra os exploradores, contra o arraial grosseiro invadido pelo espírito mercenário, utilitário e egoísta... donde debandaram as últimas ilusões—e em todas as páginas não cança de espumar um colérico protesto que, por vezes, fere como um gládio e quasi sempre estorva como um chicote severamente brandido.

Como obra de demolição é quasi completo este livro, mas deficiente como obra de cultura filosófica e orientação social.

Afinal todos sabemos que isto vai mal para vai mesmo péssimo; mas o remédio, mas a solução, mas a certeza de que virá um melhor dia, eis o que ninguém nos dá.

Tem o autor da obra razão para fulminar os comediantes desta baixa comédia que se representa em todo o mundo e na qual pequenos anões fingem de grandes homens de Estado, cada vez mais inferiores aos acontecimentos.

Mas o remédio não virá enquanto os homens não cuidarem de ser mais generosos nas horas de ventura, e mais serenamente dignos e ativos nos momentos de desgraça. E, aquele final da primeira carta, onde o seu autor confessa que não perdona a um inimigo, nem mesmo à hora da morte, e onde afirma que vai encher o rol com as ca-

nalhices que lhe fazem, esperando que chegue o dia do ajuste de contas para lhes retribuir generosamente, não me parece que seja o melhor critério para o início duma nova sociedade.

E' preciso ser-se superior às misérias da vida, compreendê-las, perdoar algumas vezes, lutar sempre, mas sem vinganças ou odiosas retaliações.

No fim, eu convengo-me de que o sr. Rodrigues dos Santos concordará comigo e que a maneira como exterioriza o seu pessimismo—aliás motivado—é um pequeno exagero literário.

\*\*\*

A Biblioteca Nacional acaba de editar o “Guia de Evora e Arredores”, pequeno livro portátil, ilustrado, e com as essenciais notas que o turista precisa ter à mão quando quer estudar um pouco nas suas digressões.

Evora é uma cidade sobre a qual há imenso que dizer, é mesmo sobre o ponto de vista artístico e histórico uma das cidades mais importantes de Portugal, de modo que o processo aligeirado com que foi gizado este guia, torna-o bastante incompleto e até algo modesto na apresentação, mas assim mesmo ele é bastante útil, porque não existia melhor.

\*\*\*

João Pereira do Rio acaba de publicar um pequeno livro de versos a que chamou “Trovas da Noite”, e onde há quadras dum ingénio lirismo, e dum desprentoso sabor popular.

Ante a simpática modestia do autor limitamo-nos a reconhecer a sua voca-

Juliano QUINTINHA

Lêr na 4.ª página:

Agenda de “A Batalha.”

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne na próxima terça-

feira, 20, pelas 20,30 horas, o Conselho Confederal, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º—Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha.”

2.º—Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.







# CRÓNICA DO PORTO

## O COMÉRCIO LADRÃO

Os "honradíssimos" negociantes da nossa praça, a pretexto da greve marítima, metem as mãos nas algibeiras do consumidor

PORTO, 13. — Mais um pretexto surgiu, além dos antecedentes por nós já descritos, para que a ignóbil e ilicita actividade comercial se evidencie com mais furor. A falta de pretexto e de audácia, não é que se deixa de construir fortunas fabulosas, enquanto o tempo e a revolta popular se faz esperar com incrível paciência.

Vejamos, agora, qual é o novo pretexto.

Os estivadores de Leixões, barqueiros e fragateiros e trabalhadores fluviais do Porto e Gaiá de há tempos que vêm reclamando uma melhoria na sua situação económica. Como quasi sempre sucede antes do pronunciamento de qualquer conflito grevista, aquelas classes empregaram todos os esforços para convencer a patrão marítima da razão que lhes assistia, fundamentando os seus argumentos, como é de calcular, na insuficiência dos seus salários perante o agravamento do custo da vida e de preferência, atinge as classes laboriosas, mas, por isso mesmo desprezadas...

Apesar, porém, de todas as boas diligências empregadas no sentido das reclamações materiais serem, suscitadas, e de satisfatório êxito, a renitência patronal não obteve a que as referidas classes fossem compelidas, para fazerem vingar a sua causa, a ir para a greve, a qual, de facto, principiou ontem.

E de ciência certa que uma tal paralisação de serviços no rio Douro e em Leixões é uma irresponsabilidade séria para a vida cidadã, conquanto a responsabilidade seja dos patrões, sempre caturras para a conciliação das exigências operárias, por muito justas que elas sejam.

Mas não entanto, lá porque ontem um vapor qualquer, por motivos da greve, não pudesse efectuar o descarregamento da sua carga diversa; lá porque a outras embarcações lhe tenha, possivelmente, de acontecer o mesmo e lá porque a greve tenha só um dia de existência — ainda não é motivo forte para que os grandes armadores principiem já a assambarcar, isto é, a encerrar, nos seus portos, nos seus subterrâneos, toda a qualidade de gêneros, precipitadamente provocando uma escassez fencional.

E todavia, obedecendo a tácticas deliberadas nos meandros bacalhoventes, de que todos os momentos e todas as questões devem ser adaptadas, aproveitados os seus ferros interesses — os espangos do negócio estão, lá, surrelija, a pôr em prática os seus planos criminosos de uma especulação mais, a juntar-se a tantas outras...

«Mas quem deita mão disto? Ninguém, nem o próprio interessado, que assiste extraordinariamente indiferente a todas estas manobras de terríveis traficâncias...»

«Que desvario e que cobardia!

Mis bate certo...

A não ser este caso de greve perfeitamente pacífica e monótona e as combinadas consequências do abuso comercial das ruas de São João e circunvizinhanças; a não ser a continuação das rixas políticas e a apaixonada discussão acerca da parada de forças... democráticas a propósito do funeral do assassinado Mendes Baillou — uns porque o entêro foi imponente e uma boa demonstração, e outros por-

# LISBOA NA RUA

### Atropelamento mortal

Ontem, cerca das 13 horas, quando o carroeiro n.º 415 da Câmara Municipal de Lisboa, Francisco Lopes, de 18 anos, filho de João Lopes e de Maria Rita, saía de uma taberna onde tinha ido comprar alguma coisa para comer, foi colido pelo automóvel n.º 3316, guiado pelo seu proprietário António Correia residente na rua da Conceição da Glória, 17, 3.º, ficando gravemente ferido na cabeça.

Socorrido por alguns companheiros e pelo civico n.º 1164, foi transportado no mesmo automóvel para o hospital de São José onde faleceu momentos depois, pelo que recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento.

O chauffeur, que não teve culpa do desastre segundo afirmam pessoas que presenciaram, foi preso.

### Tentativa de suicídio

Na enfermaria de Santana, do hospital Estefânia, deu ontem entrada Joana Isabel Vieira, de 47 anos, residente na travessa do Possolo, à Estrada, 3.º, 1.º, que ali tentou suicidar-se.

### Um louvor merecido

Pelo director dos hospitais civis, dr. sr. João Pais de Vasconcelos, foi mandado louvar em ordem de serviço e concedida uma licença de 7 dias, com vencimentos, ao praticante de enfermarias dos mesmos hospitais, sr. Raúl Baptista Machado, por haver cedido o seu sangue para uma transfusão feita na enfermaria de Santo António, pelo dr. sr. Sabino Pereira, numa doente internada na enfermaria de Santa Emília, caso a que há dias aludimos.

### Brincadeira que acaba mal

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha do Calvário, recolheu ao hospital de São José, onde, no Banco, foi operado pelos Drs. José Paredes, Fernando Simões e Bastos Gonçalves, dando em seguida entrada na enfermaria de São Francisco, Armando Proença, de 11 anos, filho de José Proença e de Alice Ferreira, residente no pátio do Cabrinha, 34, ric, que andando a brincar na doca de Alcântara foi ali colido pelo rodado de um guindaste, que lhe esfacelou o pé direito.

### Agressão

No Banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo Inácio Ferreira, de 23 anos, trabalhador, residente em Oeiras, e que ali, por questões de trabalho, foi agredido por um companheiro, que lhe vibrou uma facada no braco direito.

### Queda mortal

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José, faleceu ontem Delfina da Conceição, de 31 anos, residente no lugar de Capelas, Lourinhã, que, como noticiámos, caiu no dia 14 último numa fogueira.

### Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, deu ontem entrada João Manuel Tristão, de 65 anos, servente de pedreiro, residente na Ilha Amarela, 9, à Cruz das Oliveiras, que caiu numa pedreira, fracturando a coluna vertebral.

que muitos salmões e outros peixes se coziam numa grande caldeira de cobre com água, vinagre, sal e cominhos.

Nos tabiques, viam-se pregadas cabeças de lobo, de javali, de veado, e também duas cabeças de touro, chamadas uro (toiro selvagem), o qual já começava a tornar-se raro no país. Viam-se também armas de caça, tais como frechas, arcos e fundas..., e armas de guerra, como o parr (chuço gaulês), o matag, (faca de mato), machados, sabres de cobre, escudos de madeira, cobertos da pele duríssima das focas, e lanças de folha de ferro larga, cortante e curvada, ornadas de uma campainha de bronze, para anunciar de longe ao inimigo a chegada do guerreiro gaulês, porque este sempre despresa as emboscadas e gosta de combater de cara a cara. Também se viam suspensas algumas redes de pesca, e arpêus para pescar o salmão nos baixios da vassante.

A direita da porta de entrada, havia uma espécie de altar, feito de uma pedra de granito pardo, assombreado por grande número de ramos de carvalho cortados de fresco. Sobre a pedra estava colocada uma caldeirinha de cobre, onde se achavam imergidas sete hastes de visco, e na parede lia-se a seguinte inscrição: *A abundância e o céu são para o justo que é puro. E' puro e santo o que faz obras celestes e puras,* (sentença druida).

Quando Joel entrou em casa, aproximou-se da caldeirinha de cobre onde estavam as setes hastes de visco, e beijou cada uma delas respeitosamente. O seu hóspede imitou-o, e ambos se encaminharam para a lareira.

Mamm' Margarid, mulher de Joel, fiava na roca. Era de estatura alta e vestia um saiote curto de lã parda, sem mangas estreitas; saiote e vestido atados em redor da cintura com o cordão de avelal. Uma touca branca, de forma quadrada, deixava-lhe ver os cabelos grisalhos separados na fronte. Trazia ao pescoço, e do mesmo modo muitas mulheres suas parentas, um colar de coral, e nos braços braceletes en-

# A BATALHA

## "A BATALHA" NA PROVINCIA

### E NOS ARREDORES

# IMPRESSÕES DO SEIXAL

## Ainda a Fábrica de Tecidos de Arrentela

Continuamos a breve descrição da nossa visita à Fábrica de Tecidos da Arrentela. Descemos ao 1.º andar onde fica a oficina de espiga.

São muito alegres as janelas, os seus vidros foscados, por causa do sol não incomodar o pessoal que trabalha. Sentadas à esquerda estão serzideiras o pelo, passando depois por um rio.

Volta-se outra vez ao 1.º andar onde está também instalada a oficina de tozours que se compõem de três escovas, uma a retaguarda e duas à frente por onde a fazenda passa, que lhes levanta o pelo, passando depois por um rio.



SEIXAL — Vista geral

com as fazendas suspensas no teto por umas travessas de madeira, arranjando os defeitos que a fazenda traz ao sair do tear.

A sede apertava-nos e aqui não podemos fugir à tentação de bebermos uma pinga de deliciosa água que esta região nos fornece.

Passamos ao rez-do-chão.

Vimos uns caixotes redondos de madeira — máquinas lavadeiras. — A fazenda é aqui depositada, passando ao mesmo tempo uns grossos rolos que devido ao seu peso espreme-a e tira-lhe todas as impurezas, vendendo-se pela parte inferior dos caixotes uma calha onde correm os líquidos sujos e entrando na parte superior a água limpa até final da operação.

Segue-se o hidro para quando a fazenda sair daquela máquina ser colocada dentro deste em forma redonda, que com a velocidade com que anda extrai-

# EM SILVES

## A indiferença do operariado não pode persistir

Ficámos de nos ocupar da indiferença que lavra numa parte da organização corticeira local. E' com mágoa que o fazemos, mas as circunstâncias a isso nos impele, não nos movendo fins reservados ou intenção de ferir quem quer que seja. O que se passa em Silves com a classe corticeira é simplesmente

crise cujos efeitos originam a miséria de muitos lares, e os principais prejudicados entreteem-se em lançar as culpas para a organização corticeira e seus militantes, que clamam e ninguém se mexe para remediar o mal. E' convido uma reunião para tratar do assunto e ninguém comparece, excepto os

filhos da casa, como os indiferentes chamam aqueles que sabem cumprir com os seus deveres. Empregam os indiferentes os seguintes termos a propósito de qualquer assunto sobre a organização: «já vi melhor jeito nisto!...»

O que só demonstra uma ignorância pavorosa.

«Pois não vemos esses corticeiros que os principais culpados são eles próprios que com o seu indiferentismo não dão a vitalidade necessária à Associação para que se desempenhe da missão e fins que foi criada?»

«Ora estes e outros casos de que nos

# TRABALHADORES: Lido A BATALHA

Mas o viajante, interrompendo-o, disse-lhe sorrindo: — Amigo, assim como um só copo serve para todos..., mais tarde o copo circulará de lábios em lábios, e a narração de ouvidos em ouvidos... Mas diz-me para que serve aquele cinto de metal que eu vejo pendurado na parede?

— Pois na tua terra não há o cinto da actividade?

— Explica-te, Joel.

— Entre nós, todas as luas novas, os rapazes de cada uma das tribos, vem a casa do chefe experimentar este cinto, para mostrarem que a cintura deles não tem alargado pela intemperança, e que se conservam activos e desembaraçados. Aqueles que não podem acolchetar o cinto, são apupados, e é costume pagar multa; de forma, que cada um tem conta com a barriga, receando parecer um ôdre.

— Isso é bom, e lastimo que tenha caído em desuso na minha provincia. Mas diz-me também para que serve esta arca velha? A madeira é magnifica e parece muito antiga?

— Muito antiga! É a arca de triunfo da minha familia, disse Joel abrindo e mostrando ao estrangeiro muitas caveiras esbranquiçadas. Uma delas, serrada pelo meio, estava assente sobre um pé de metal em forma de copo.

— Sem dúvida que isso tudo são cabeças dos inimigos mortos pelos teus avós, amigo Joel? Entre nós, essas espécies de carneiros de familia já foram abandonados há muito tempo.

— E entre nós também; eu conservo estas cabeças só pelo respeito que devo a meus avós; porque há mais de duzentos anos que já não se mutilam deste modo os prisioneiros. Esta usança remontava ao tempo dos reis a quem *Ritha-Gaur* rapou as barbas, como tu dizes, para fazer uma blusa. O tempo dessas realzes, era o tempo da barbaria. Ouvi dizer a meu avô *Kirio*, que mesmo em vida de seu pai *Tiras*, os os homens que tinham ido a guerra, regressavam à tribu com as cabeças dos inimigos atadas na extremidade das lanças, ou penduradas aos pescoços dos



